



EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO POTENCIALIZADORA NA CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE MATEMÁTICA

ALINE Cordeiro da Silva¹
NAHUM Isaque dos Santos Cavalcante²

*Universidade Federal de Campina Grande UFCG – CDSA¹
cordeirouepb@gmail.com*

*Universidade Federal de Campina Grande UFCG – CDSA²
nahum.isaque@ufcg.edu.br*

Resumo: Este artigo partiu de um questionamento: qual a visão das professoras do Ensino Fundamental acerca da importância da Educação Financeira? Assim, surgiu a necessidade de refletir sobre o ensino dessa temática a partir de um olhar crítico, onde a Educação Financeira seria trabalhada de modo a levar os alunos a questionarem fatos do seu cotidiano. A partir da questão proposta, definimos por compreender quais as percepções das professoras acerca da importância da Educação Financeira. Utilizamos como base teórica alguns estudos com enfoque semelhante e documentos oficiais, como as Orientações Curriculares Nacionais e os PCN para o Ensino Fundamental. Fizemos uma pesquisa de campo, desenvolvida com duas professoras dos anos finais do Ensino Fundamental na cidade de Monteiro no Cariri Paraibano. Quanto aos procedimentos, a coleta de dados foi feita por meio de um questionário com dez perguntas. Buscamos mostrar que a Educação Financeira não é apenas operacional ou se limita a finanças, acreditamos que assuntos relacionados podem contribuir para uma formação matemática crítica dos alunos, onde os mesmos podem compreender as diversas questões sociais, políticas e econômicas que a permeiam.

Palavras-chave: Educação Financeira. Formação Crítica. Matemática Contextualizada.

1. INTRODUÇÃO

Em linhas gerais, são várias as dificuldades apontadas por professores para ensinar Matemática e uma dessas é a falta de interesse dos alunos em aprender a disciplina que tradicionalmente é tida como rigorosa e abstrata. Quando nos referimos aos processos de ensino-aprendizagem de Matemática, de modo geral, os resultados não são satisfatórios. Como mudar esse cenário é uma preocupação que vem fazendo com que educadores tentem buscar alternativas que mudem esse contexto, a Educação Matemática, enquanto campo profissional e de pesquisa (KILPATRICK, 1996), dentre outras atividades, busca meios apropriados de investigar as causas para propor ações com o objetivo de alcançar melhores resultados.

Uma das metas da educação básica é a formação dos alunos orientada para a capacitação ao pleno exercício da cidadania. É necessário permitir que os alunos estabeleçam relações entre a Educação Financeira e os diversos conteúdos matemáticos, bem como relação com outras áreas do conhecimento.



Diante disso, nosso trabalho tem como questão fundamental: Qual a visão das professoras do Ensino Fundamental acerca da importância da Educação Financeira na atualidade?

A partir da questão proposta para este estudo temos como objetivo geral, compreender quais as percepções das professoras acerca da importância da Educação Financeira na atualidade.

Diante do objetivo geral apresentamos os seguintes objetivos específicos:

- Explicitar percepções de professoras acerca da Educação Financeira;
- Discutir acerca dos significados por elas atribuídas a importância da Educação Financeira no mundo atual;
- Refletir sobre as possíveis estratégias metodológicas em sala de aula que se relacionam com a Educação Financeira.

Em nosso dia-a-dia é comum relacionar Educação Financeira diretamente a situações financeiras nas quais exige tomada de decisões adequadas e conscientes, no entanto buscamos mostrar que é muito além, esse tema não é apenas operacional ou se limita a finanças. Nesse sentido, percebemos a relevância em se trabalhar com a Educação Financeira para compreendermos sua finalidade. Desse modo, surgiu a necessidade de pesquisar e refletir sobre esse tema na atualidade, mas um ensino voltado para um olhar crítico, onde o tema Educação Financeira é trabalhado de modo a levar os alunos a questionar fatos do seu cotidiano.

Esse tema se justifica por sua relevância social, acreditamos que seja um tema importante para lidar com questões contemporâneas. Optamos por fazer a pesquisa com professoras dos anos finais do ensino fundamental, no entanto, entendemos que na atualidade as crianças desde cedo podem ter o contato com aspectos relacionados ao dinheiro, custos, renda, receita, etc., nesse sentido pode ser iniciada a Educação Financeira desde a formação mais básica da criança.

Nesse sentido, é necessário que a Educação Financeira seja trabalhada em uma perspectiva crítica, compreendendo o que é Educação Financeira, de modo que sirva para tomar decisões com consciência, criticidade e lucidez. Esse tema apresenta-se como eficaz à medida que proporciona aos alunos participarem de modo ativo compreendendo e transformando o contexto onde estão inseridos. Conforme ressalta Campos (2013),

Entendemos a Educação Financeira como uma prática social, de modo que possa estar enraizada em um espírito de crítica e em um projeto de

(83) 3322.3222

contato@epbem.com.br

www.epbem.com.br



possibilidades que proporcionem aos indivíduos-consumidores participarem, ativamente, no entendimento e na trans-formação dos contextos que estão inseridos (CAMPOS, 2013, p. 13)

No cotidiano existe uma obrigatoriedade de lidar com situações financeiras, existem inflações o tempo todo, muitas famílias brasileiras sofrem para lidar com pagamentos de água, luz, feira, vestimentas, entre outras necessidades básicas. E muitas vezes se deparam com dados complexos, gráficos, planilhas que muitas vezes não compreendem. Como ressalta Campos (2012),

[...] este sujeito não seria visto como um mero consumidor, dotado de uma condição servil, à mercê de um mercado que tem se estruturado sob um crescente número de informações financeiro-econômicas cada vez mais complexas, mas como cidadão que se posiciona criticamente em relação ao panorama que tem se estabelecido na atualidade [...] (CAMPOS, 2013, p. 13)

Esse contexto que temos hoje de uma sociedade capitalista que consome de forma excessiva, dentre outras, são reflexões dessa natureza que podem ganhar espaço em sala de aula. Um sujeito crítico, analisa, sabe que as pessoas precisam comprar para girar a economia. Diante do cenário atual, a Educação Financeira com criticidade pode dar condições para superação de práticas supérfluas.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA

O ensino de Educação Financeira que possibilite que os alunos visualizem a Matemática de forma contextualizada pode contribuir para que os mesmos se apropriem de significados frente ao que está sendo exposto. Por esses motivos pensar em Educação Financeira no ensino não deve se reduzir ao tratamento de finanças pessoais, dentre tantas reflexões devemos pensar em como esse tema pode contribuir para a formação dos alunos não para atender demandas emergenciais, mas requer pensar no que significa uma pessoa educada financeiramente.

Pensar em uma pessoa educada financeiramente é ver ela como ativa no seu meio, tendo visão crítica diante de situações do cotidiano. Ao falar do termo crítico, Amóras (2014, p.8) faz alusão “a um cidadão conhecedor dos conceitos e, ao mesmo tempo, saiba identificar onde a sociedade utiliza esses conhecimentos, sabendo como usá-los da melhor forma”. Um sujeito crítico ele analisa, tem a capacidade de refletir sobre seu meio.

No entanto, não é apenas a inclusão de alguns conceitos de Educação Financeira, é necessário repensar o papel da escola na formação dos



alunos, na formação para vida, enquanto cidadão. Essa relação com o dinheiro que começa desde a infância necessita da participação dos pais ainda em casa e posteriormente do professor em sala de aula, que modo que possam contribuir com o ensino de Educação Financeira com criticidade.

Percebendo que a construção do conhecimento é um processo contínuo, onde a família é fundamental na formação e na educação das crianças, é no ambiente familiar que são desenvolvidas aprendizagens básicas como linguagem, costumes, valores e outros. Conforme apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os papéis da família e da escola são de suma importância na formação dos alunos e têm natureza complementar. A participação das famílias na vida escolar dos alunos é indispensável para construção do cidadão consciente, crítico e capaz de interagir no meio em que vive.

Assim como ressalta Campos (2012, p.42), “a educação financeira nas escolas também não substitui o papel que deve ser desempenhado pela família”, a família tem papel fundamental na abordagem de qualquer tema a ser tratado em casa, em particular no ensino de Educação Financeira.

As crianças tem contato com questões relacionadas ao dinheiro cada vez mais cedo e de modo constante. Mesmo que não seja falado diretamente sobre aspectos financeiros com as crianças, esse tema está inserido no contexto familiar, e é perceptível por elas antes mesmo do tema ser tratado pelos pais.

Acreditamos que nesta etapa de escolarização, discussões de assuntos relacionados ao tema Educação Financeira podem contribuir para formação matemática crítica dos alunos, promovendo reflexões no seu cotidiano não apenas ao se deparar com procedimentos financeiros, mas com questões sociais, políticas, econômicas, entre outros.

A pouca durabilidade dos produtos não acontece por acaso, isso pelo fato das produções praticarem a *obsolescência programada*, que está relacionada com a diminuição do ciclo de vida útil dos produtos, em síntese quando os produtos de alguma forma tem sua durabilidade alterada de forma a diminuir seu uso tornando-o menor.

Isso quer dizer que existe uma redução na vida útil dos produtos, a tendência é comprar outro que provavelmente também tem sua durabilidade diminuída. Nesse sentido, como tratar de assuntos atuais em sala de aula de modo a apresentar a Matemática de forma crítica, pois quando tratamos do tema obsolescência programada outras questões que estão relacionadas também podem ser abordadas como, por exemplo, aumento de lixo que provoca



impactos no meio ambiente e na qualidade de vida da população.

A Educação Financeira não deve ser confundida com o ensino de técnicas ou macetes de bem administrar dinheiro. Tampouco deve funcionar como um manual de regrinhas moralistas fáceis - longe disso, aliás. O objetivo da Educação Financeira deve ser o de criar uma mentalidade adequada e saudável em relação ao dinheiro. (D'AQUINO, 2013, em única página)

Desse modo, é relevante uma abordagem de Educação Financeira de forma reflexiva, visando o aluno como cidadão crítico diante de situações a serem tomadas em seu cotidiano. Às vezes em uma casa, não tem o dinheiro do marido e da esposa, tem o dinheiro da casa, é uma questão coletiva. Precisa pintar a casa, mas a geladeira está precisando ser trocada, no entanto o dinheiro só dá para fazer uma coisa.

Educação financeira é parar, sentar e analisar. Mesmo quando o sistema não é tão democrático assim, mas você mora em uma casa e tem que contribuir para morar ali, você paga água, fulana paga energia, é dessa forma que as coisas acontecem.

Os filhos vão crescendo, começam a trabalhar, geralmente continuam morando com os pais, o pai diz: olhe eu pago a feira, agora todo mundo tem que contribuir em casa, isso é um modelo de Educação Financeira de distribuição dentro de uma casa, alias é um modelo muito comum. E, além disso, começam a querer comprar as coisas pessoais, essa questão crítica que deve ser abordada, até que ponto você prioriza seu desejo individual em detrimento do local em que você vive. São situações problematizadoras dessa natureza que nos faz repensar na importância de aproximar a realidade do aluno, para fazer esse viés entre o conhecimento apresentado em sala de aula com suas vivências.

Com conhecimentos de Matemática Financeira podemos calcular porcentagem, juros, descontos, cálculo do que é mais rentável, entre outros. Quando pega esse conhecimento e toma consciência, por exemplo, se você tem R\$2 mil e tem que comprar uma geladeira, compra à vista ou parcelado, ou pega esse dinheiro e coloca em um investimento que rende tantos por centos.

Em 6 meses tem um rendimento de tanto desses R\$2 mil, sabendo que o lucro é maior que o desconto se fosse à vista, se comprar no cartão e dividir em tantas parcelas iguais e sem juros de repente as vezes é melhor comprar parcelado. Se você aprende bem Matemática Financeira conseguiu fazer esses cálculos. Inicialmente você tem um nível de criticidade que é olhar a questão que na verdade é uma questão individual.

Quando tomo consciência de questões, por exemplo, por que uma geladeira custa R\$2 mil, quais são os impostos que estão inseridos? O IPI



(Imposto Sobre Produto Industrializado) é de quantos por centos sobre uma geladeira? Esse imposto é recolhido e revertido para que área, para transporte, para segurança, para onde vai? É uma questão mais a nível coletivo, deixa de ser uma questão individual de ter vantagem ou não. Para uma geladeira custa R\$2 mil no Brasil vários impostos estão ali, é outro nível de criticidade. É um nível mais crítico, a geladeira custa R\$2 mil, poderia ser mais barata? Se desonerar o imposto, de onde é que se tira para cobrir, pois esse dinheiro iria para uma área. Na hora que você deixa de recolher aqui, onde é que vai recolher para poder cobrir aquilo.

Quando falamos de ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços), estamos nos referindo a um dos principais impostos do Brasil, em praticamente tudo se paga, seja em vendas de produtos, prestações de serviços, ou outros. Ao questionar o valor da geladeira, por que custa R\$2 mil, o lojista está colocando o imposto também, para poder comercializar tem que pagar impostos, ali está incluso o imposto que gasta com ICMS, que gasta com direitos trabalhistas, entre outros.

Isso também é Educação Financeira é uma situação mais crítica, é mais amplo e passa a ser algo coletivo, não é mais individual. Enquanto a Matemática Financeira dá suporte nesses cálculos, a Educação Financeira auxilia na medida em que se apresenta como crítica a fatos do dia-a-dia, é um modo mais crítico e mais amplo do mundo em geral.

Dados obtidos sinalizam que o consumo, para os brasileiros, está ligado a fatores como inclusão social, status ou ainda aumento da autoestima. A opção é pelo consumo imediato, ou seja, as pessoas preferem parcelamentos a economizar para, em algum momento posterior, efetuar a compra à vista (CAMPOS, p.28, 2012).

As lojas oferecem vendas a prazo e à vista como marketing para atrair clientes. Essas lojas, na verdade, são financeiras de empréstimos indiretamente, afinal quando apresentam as vendas a prazo quase sempre pensam no lucro em cima dos juros pago pelo cliente. Uma loja de móveis e eletrodomésticos, por exemplo, na verdade é um banco emprestando dinheiro com juros, onde pagamos pelos produtos muito mais do que eles valem, isso também tem haver com Educação Financeira.

Conforme Campos (2013), as instituições financeiras passaram a oferecer mais crédito, não exclusivamente, mas principalmente aos menos favorecidos, tendo como justificativa minimizar o processo de exclusão, criando desse modo um contexto de possibilidades. A cultura que percebemos na sociedade é a do consumo, nesse sentido as empresas investem no marketing de seus produtos e serviços mostrando a sociedade às facilidades de se fazer empréstimos, cartões de



crédito, mostrando várias formas de pagamento de um produto ou serviço.

Com a estabilização da moeda, foi possível perceber um aumento da inclusão social que contribuiu para a ampliação do mercado de consumo interno. Principalmente os indivíduos pertencentes às classes C e D puderam passar a consumir mais. Este fato contribuiu para que o Brasil se tornasse um mercado de consumo de massas (CAMPOS, p.25, 2012).

As ofertas de crédito aumentaram muito nos últimos anos, é perceptível o crescimento de pequenos bancos e financeiras que oferecem empréstimos com prazos estendidos, entre outras facilidades que são apresentadas como vantajosas. É um mercado publicitário que é o tempo todo, invista, a partir de R\$10 pode investir, isso vira hábito, vira dinheiro. Troque seu carro velho em um novo. Então você vive dentro de um contexto de crédito, gerando lucro, no final das contas, para uma parcela muito pequena da sociedade capitalista que detém todo poder do capital detrimento desse contexto todo de não consciência. Não é a não consciência de saber gastar ou não, é a não consciência do que o sistema é, como ele funciona. Não sabemos se é possível fugir dele, mas tem que ser menos desigual.

Bancos oferecem inúmeras vantagens, na verdade querem que você viva sua vida a crédito, uma vez devendo você vai dever o resto da vida. Quem não tem um financiamento de casa, de carro, de geladeira, ou outros, muitas vezes você precisa comprar à prestação. A Educação Financeira ajuda você entender esse contexto político, social, econômico que estamos imerso que é dentro de um capitalismo.

E, é em meio a esse cenário que tem crescido o número de consumidores compulsivos, sendo isso um reflexo do capitalismo, onde o consumo é fortemente estimulado e, pessoas são bombardeadas a todo o momento pelos meios de comunicação (CAMPOS, p.19, 2013).

Educação Financeira não é só consumo, pode ser a negação do mesmo. Vivemos em uma sociedade capitalista, que consome de forma supérflua. Quando a pessoa tem uma Educação Financeira, todo esse contexto vai ter um olhar voltado para criticidade.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados apresentados nessa seção se referem ao questionário respondido por duas professoras dos anos finais do Ensino Fundamental de escolas públicas da cidade de Monteiro no Cariri Paraibano. Dividimos esse questionário em três grupos nos quais seguem, concepções de Educação Financeira, Educação Financeira e sociedade, e por fim estratégias

(83) 3322.3222

contato@epbem.com.br

www.epbem.com.br



metodológicas para o trabalho docente com a Educação Financeira. Destacando alguns argumentos das professoras e nossas reflexões.

No primeiro grupo, concepções de Educação Financeira, buscamos a partir das perguntas responder o primeiro objetivo, Explicitar percepções de professoras acerca da Educação Financeira. A partir das respostas percebemos que as professoras apontam para elementos operacionais, a concepção das mesmas acerca da Educação Financeira está voltada para resolver questões individuais. A Matemática Financeira aponta meios para isso, mas a Educação Financeira é mais ampla, visa questões sociais, políticas, econômicas, entre outras que necessitam de um olhar crítico frente a essa sociedade capitalista no qual estamos inseridos.

O consumo consciente está em ambas às respostas, as professoras fazem essa relação da Educação Financeira com procedimentos financeiros, onde a pessoa precisa saber utilizar o dinheiro, poupar, entre outros. Quando elas expõem que quem tem Educação Financeira é uma pessoa mais consciente, aponta indícios voltados para finanças. Geralmente quando falamos, fulano é consciente, gasta quando pode, então está resumindo a Educação Financeira como uma questão de finanças individuais, o que não é apenas isso.

Quando as professoras atribuem Educação Financeira, a saber gastar de forma consciente, saber poupar, saber investir, são características de um sistema capitalista, isso na verdade é uma maneira de se render a esse sistema.

Achar que Educação Financeira é isso, primeiro estou me rendendo ao capital, estou aceitando que ele é a coisa certa e a partir disso sigo o que ele já impõe. Dessa forma, o consumo consciente apontado por ambas as professoras, indica que elas têm uma visão limitada quanto à finalidade da Educação Financeira, pois entendemos que a mesma é algo maior.

Quando questionadas sobre a importância do desenvolvimento da Educação Financeira na escola desde a educação básica, nenhuma coloca em dúvida tal importância. Que lugar deveria ser ocupado pela Educação Financeira, a P1 relata que não apenas dentro da matemática, mas que deveria está presente em todas as disciplinas, nesse sentido a professora fala de Educação Financeira para além da Matemática. Já a P2 diz que deveria ser um conteúdo a ser tratado dentro da Matemática, pois dessa forma ganharia mais importância, assim a Educação Financeira para essa professora poderia ser um tema a ser tratado na Matemática, não para além da Matemática.



Atribuem o nome Educação Financeira a consumo consciente, como algo normativo, saber utilizar o dinheiro. Matemática Financeira ajuda, é uma questão mais individual, onde utilizamos juros, porcentagem, desconto, auxilia em decisões como comprar à vista ou não, se você vai ter vantagem ou não, ajuda a lidar com o seu dinheiro, dentro dessa lógica do capital, de consumir. O capital cria necessidades para você acreditar que aquilo é importante e você tem que ter, e para ser feliz tem que ter de toda forma. Nesse contexto, felicidade é ter, para ser.

No segundo grupo, Educação Financeira e sociedade, buscamos a partir das perguntas responder ao segundo objetivo, Discutir acerca dos significados por elas atribuídas a importância da Educação Financeira no mundo atual.

Questionadas sobre que aspectos das pessoas elas visualizam a importância da Educação Financeira, ambas dizem que em vários aspectos, continuam com o discurso de que a pessoa ter Educação Financeira é ser consciente. No entanto, o consciente exposto pelas professoras implica muito mais em saber gastar, poupar, entre outros, é mais direcionado a elementos operacionais. Implica diretamente na próxima pergunta, como elas percebem a importância da Educação Financeira para o exercício da cidadania nos contextos do mundo atual, a P1 diz que auxilia na formação de adultos mais responsáveis, trazendo assim uma melhor qualidade de vida. Para a professora seria essa uma pessoa mais consciente por não gastar mais que pode, comprar e pagar, podendo assim a pessoa ter uma melhor qualidade de vida, por não ter perturbação com inadimplência ou coisas do tipo.

A P2 expõe que para ela uma pessoa educada financeiramente é consciente do seu consumo e pode prevenir situações de fraude. Essa prevenção de fraudes exposto pela professora, a nosso ver pode ser direcionado a saber utilizar a Matemática Financeira para realização de cálculos. O questionário aponta para esse lado de que as professoras estão preocupadas com elementos operacionais, preocupadas em comprar e ter como pagar, desse modo, não percebemos uma visão crítica quanto à Educação Financeira.

Quais implicações de uma não Educação Financeira para a sociedade em geral, as respostas são bem parecidas, a P1 diz que a ausência da Educação Financeira traz consequências para toda sociedade entre elas, adultos inconsequentes, sem limites, sem noção de responsabilidade financeira, a P2 diz que gera uma sociedade desorganizada. Desse modo, as professoras apresentam que a sociedade desorganizada é uma das consequências na vida adulta de uma pessoa que não tem Educação Financeira, de fato, mas se olharmos a Educação Financeira como formação crítica.



O terceiro objetivo, estratégias metodológicas para o trabalho docente com a Educação Financeira, buscamos a partir das perguntas responder nosso terceiro objetivo, Refletir sobre as possíveis estratégias metodológicas em sala de aula que se relacionam com a Educação Financeira.

Quando questionadas se em sua atividade docente acontece alguma abordagem que envolva a Educação Financeira, a P1 relata que sim, através de debates e pesquisas, abordando assim de algum modo esse tema, já a P2 não faz nenhum tipo de abordagem. Percebemos assim que a P2 ao expor que deveria ser um conteúdo ser tratado dentro da Matemática, nos mostra uma obrigatoriedade, como não está no livro didático não trataremos desse tema.

Questionamos quais os conteúdos previstos no currículo escolar que elas acreditam, a partir deles, conseguir desenvolver a Educação Financeira, a P1 não cita conteúdos específicos, mas expõe que tem que fazer relação com vida familiar, social, bens pessoais, trabalho, empreendedorismo, entre outros, não limitando Educação Financeira como a P2 que limitou apenas a alguns conteúdos de Matemática Financeira. Porcentagem se reduz à Matemática financeira e não Educação Financeira. A Matemática Financeira ajuda, mas se você não tem uma criticidade como as coisas funcionam e as implicações disso na nossa vida, então foram feitos apenas cálculos.

Questionadas sobre as dificuldades metodológicas sentidas em relação ao desenvolvimento da Educação Financeira na sala de aula a P1 relata dificuldade de modo geral, como a falta de interesse, o compromisso e a responsabilidade de pais e alunos, fugindo do foco da pergunta. Já a P2 expõe a falta de material didático, essa resposta pode ser uma maneira de tentar fugir do real problema, a falta de domínio de conteúdos ou assuntos relacionados ao tema Educação Financeira.

Quando a professora diz que a falta de Educação Financeira gera uma sociedade desorganizada, percebemos a partir de respostas anteriores que desorganizada para ela está relacionado a pessoa não ter consciência. Se para ela Educação Financeira é saber poupar, saber gastar, e se a pessoa não tem consciência, então vai ter essa desorganização no sentido de desestabiliza as finanças pessoais, gastar mais do que pode, comprar sem consciência pensando só na prestação e não na implicação, que isso pode gerar inadimplência.

Questionamos se elas acreditam que uma abordagem, a partir de uma perspectiva crítica daria condições de promover o desenvolvimento da Educação Financeira em sala de aula para compreensão das várias questões atuais a ela



relacionada. A P2 diz que sim, “principalmente no momento de crise em que se encontra nosso país”, metodologicamente numa perspectiva dessa professora, além de dar a entender que a mesma não tem uma visão crítica mesmo remetendo a crise, isso é um discurso que implica muito mais ao bombardeio de notícias. Crise está na mídia, ela é bombardeada o tempo todo. Então ela faz uma relação de que para entender essa crise a Educação Financeira ajuda, de fato ajuda, mas se a gente pensar em Educação Financeira de uma forma mais ampla que as questões financeiras.

Não é só quem ganha pouco não, isso tanto faz ganhar pouco ou muito, o capital vai atrás de você, você começa a se deslumbrar porque não tem a criticidade contra capitalista, na verdade você entra no jogo capitalista e acaba consumindo, e como vivemos em uma sociedade que ter as coisas é importante, parece que valoriza mais quando você tem, assim você quer ter e quer mostrar que tem. Desta forma, é uma sociedade do consumo e do espetáculo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho teve como questão norteadora: Qual a visão das professoras do Ensino Fundamental acerca da importância da Educação Financeira na atualidade? A partir da questão proposta para este estudo temos como objetivo geral, compreender quais as percepções das professoras acerca da importância da Educação Financeira na atualidade. A concepção das professoras é muito limitada, para elas Educação Financeira é saber gastar e ter consciência do gasto. Quando limitamos a visão de Educação Financeira a isso, no primeiro momento estamos nos rendendo a um sistema que está imposto que é o capitalismo.

O que está em questão é se tem consciência ou não, não se deixa de comprar, apenas você tem que comprar e pagar. As professoras estão preocupadas com isso, você tem que usar seu cartão, mas tem que pagar. Como discutimos, Educação Financeira vai mais além, é uma tomada de consciência mais ampla.

Nesse sentido, é necessário que a Educação Financeira seja trabalhada em uma perspectiva crítica, compreendendo o que é Educação Financeira, mas não simplesmente operacional ou se limita a finanças, mas que sirva para tomar decisões com consciência, criticidade e lucidez. Destacamos que o ensino de Educação Financeira pode proporcionar aos alunos uma visão crítica perante as situações do cotidiano no mundo atual, no qual o professor compreendendo a importância e percebendo a finalidade desse ensino, aponta meios para que



o aluno possa compreender os significados de Educação Financeira no cotidiano.

[...] o capitalismo de consumo tem a capacidade de criar necessidades (no sentido de tendências, aquilo que está na moda), tendo como resultado a seleção de um público consumidor específico e, por consequência, criando uma classe que será considerada à parte, ou melhor, uma classe excluída, uma vez que nem todos terão as condições necessárias de acesso ao que é mais “atual” (CAMPOS, p.16, 2013).

Se for Educação Financeira como formação crítica do sujeito primeiro vai entender que está dentro de um sistema capitalista que lhe impõe o consumo, que cria necessidades para você consumir, que associa felicidade à ideia de ter para ser, com um mercado de publicidade muito forte que faz você acreditar que precisa daquilo.

Muitas vezes o que existe é a falta de Educação Financeira, pois a mesma é muito mais que saber gastar ou não. As pessoas acham que se limita a Matemática Financeira, que também não é só isso. A Matemática Financeira é um contexto operacional de se fazer os cálculos, a Educação Financeira é mais ampla, você toma consciência crítica daquilo.

REFERÊNCIAS

AMÓRAS, M. P. P. **Educação Financeira Crítica Uma proposta de ensino para alunos dos anos finais da educação básica.** Belém, 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática / Secretária de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+).** Ciências da Natureza e Matemática e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília, 2006.

CAMPOS, M. B.; SILVA, A. M. **A educação financeira na matemática do ensino fundamental.** Juiz de Fora, 2012.

D'AQUINO, C. **Educação Financeira.** Disponível em: <http://www.educacaofinanceira.com.br/index.php/escolas/conteudo/469>. Acesso em: 05 de Junho de 2017.

KILPATRICK, J. **Fincando estacas: uma tentativa de demarcar a Educação Matemática como campo profissional e científico.** Campinas, SP: *Zetetiké*, v. 4, n. 5, 1996.